

# Debatendo os sistemas alimentares

Oradorxs:

- Eber Quiñonez Hernandez (Ecosol/CES, FEUC)
- Carmo Bica (Presidente da Cooperativa 3 Serras)
- Rita Serra (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra)

Moderador: Sérgio Pedro

Relatorxs: Aurora Santos, Cecília Fonseca, Lanka Horstink, Lúcia Fernandes, Sérgio Pedro

Mais informação sobre o painel:

<https://climaximo.wordpress.com/2018/12/09/debater-os-sistemas-alimentares/>

As transformações impostas pelo capitalismo nos sistemas agro-alimentares ignoram e acabam por exterminar inúmeros micro-sistemas agro-alimentares ao nível dos territórios. Práticas, obstáculos e a resiliência e imaginação das pessoas e das comunidades para resistir.

Este debate teve como objetivo visibilizar várias perspetivas sobre os sistemas alimentares contemporâneos, nomeadamente as suas limitações, fatores condicionantes, particularidades geográficas e alternativas de índole prática e legislativa.

## **Rita Serra**

Rita Serra expôs o conceito de “florestas zombies”, florestas uniformes e dependentes, tutoradas por práticas agroflorestais intensivas e insustentáveis; florestas que estão aprisionadas num ciclo vicioso, e no actual estado de coisas não podem escapar. O zombie é um escravo, morto vivo, nem na morte consegue libertação, condenado a andar nesta terra sem atingir paraíso, procurando libertar-se. Estas florestas estão sitas em terras que, devido ao alto índice de monocultura florestal, tornam inviável qualquer estratégia de sucessão florestal natural.

A oradora colocou em questão o entendimento negativo acerca do eucalipto, referindo que localmente as populações plantam eucaliptos para obter madeira para aquecimento, uma prática que é depois exponenciada pelo plantio intensivo de eucalipto para a indústria papeleira, com impactos nefastos consideráveis. Todavia, a oradora aponta que, mesmo nas florestas zombies, surgem frutos silvestres, que são pouco considerados nos sistemas alimentares contemporâneos.

Face a este panorama, poderão os baldios ser a solução às florestas zombies?

Os baldios estão, na sua maioria, capturados por interesses privados, nomeadamente interesses de empresas mineiras e de celulose, factor que torna difícil uma mudança de paradigma no sector florestal. Essas empresas olham apenas para os recursos e beneficiam da erosão das comunidades locais, da falta de organização frente a estes poderes.

**O futuro passará pela promoção de florestas sustentáveis**

**com espécies autóctones.** Espalhar sementes, bolotas, etc., é uma maneira de activismo, mas **sem reforma do ordenamento do território não há mudança.**

## **Éber Quinoez**

Seguiu-se a intervenção de Éber Quinoez que, na sua alocução, analisou a relação entre produtores e consumidores, perspetivando em maior detalhe o panorama dos circuitos curtos agroalimentares (CCAs).

De acordo com o orador, **o diálogo entre urbano-rural é possível nos CCAs**, sendo que os consumidores devem colocar a questão de qual o seu papel nos CCAs.

Referiu ainda o perigo da possibilidade de cooptação de conceitos, como é o caso de CCA ou agricultura biológica.

Para os atores dos sistemas alimentares obviarem esta situação devem dedicar energias e recursos ao fortalecimento de um movimento de controlo sobre os *inputs* agrícolas, tendo em vista contrapor os investimentos financeiros de risco com impactos cada vez menos mesurados e mais arriscados. Ademais, este movimento deverá ter em linha de conta a **tendência de redução de biodiversidade dos padrões alimentares, levando à redução da biodiversidade da flora e fauna.**

Outro elemento que deverá ser considerado por todos os atores dos sistemas alimentares é o desperdício alimentar, nomeadamente o desperdício alimentar das cadeias de distribuição, que não é considerado.

No tocante à cooptação de conceitos, o orador referiu que **a cooptação do conceito de agricultura biológica vem no sentido de uma lógica de mercado capitalista que ignora a lógica do comércio justo que está subjacente aos princípios fundacionais da agricultura biológica.**

Para reconectar a agricultura biológica ao comércio justo é necessário repensar a alimentação a partir do território.

## **Carmo Bica**

Abordando as políticas públicas dos sistemas alimentares, a oradora apontou a **necessidade de um ponto de viragem nas políticas públicas.** Um ponto de viragem que se torna ainda mais premente caso se considere que o valor equivalente a 10% do PIB de Portugal é alocado em despesas de saúde para tratamento de doenças resultantes de maus hábitos alimentares.

Um ponto de viragem é necessário também face à **sobreexploração dos recursos naturais.**

Esta mudança de paradigma deverá basear-se no Direito Humano à Alimentação Adequada, defendendo o ambiente e a biodiversidade.

Apesar de se verificarem níveis elevados de produtividade agrícola, não é por isso que estamos a conseguir combater desigualdades no acesso à comida e desigualdades sociais e insegurança alimentar. Há fome, há gente a comer demais e a comer mal.

Para que lado queremos caminhar? Continuar o caminho das desigualdades? Ou alterar este modelo capitalista em que

vivemos, que assenta em exploração exaustiva de recursos naturais, impacto ambiental nefasto e dos recursos humanos?

Para exemplificar, indicou a intenção de exploração de lítio em Covas do Barroso, sistema alimentar onde existe pequena agricultura, e onde estão previstas prospeções para 542 hectares e com impactos não considerados. Esta situação necessita de apoio e mobilização.

Ademais, **a ausência de controlo e responsabilização dos sistemas alimentares leva a que não saibamos o que comemos**. Se comemos OGM ou químicos até chegar ao nosso prato, ou não. Esta situação é também explicada pelo abandono do território, antes ocupado pela pequena e média agricultura familiar, que garantia a soberania alimentar, comércio justo, circuitos curtos, e 80% produção agrícola mundial.

Este abandono gera declínio, pois metade das explorações estão abandonadas, uma situação com origem numa política de agricultura comum injusta. Uma política [a PAC] que, estando neste momento a ser revista, deve ser debatida pel@s cidadãxs.

Devem ser colocadas questões tão importantes quanto: Que tipo de alimento quero comer? O que quero cultivar?

Os partidos políticos devem entrar neste debate. A agricultura é uma atividade económica diferente: ocupa território, produz alimento.

A oradora deu ainda nota da criação de uma **proposta de lei de bases do Direito Humano à Alimentação Adequada** que será debatida em breve na Assembleia da República.